

13º CONCURSO FNLIJ LEIA COMIGO! 2014

Relato Ficcional

NÃO HOUE VENCEDOR

Relato Real

LEITURA PARTILHADA: ANNE FRANK, A HISTÓRIA QUE NÃO TEVE UM PONTO FINAL

Autora: Alessandra Firmo da Silva Santos

Rio de Janeiro – RJ

Era o meu último ano com a turma do meu coração. Cheguei para eles como uma intrusa há três anos, em substituição à sua professora, que acabara de se aposentar. O encontro não foi fácil, mas eu tinha um jeito de encontrar o coração deles: os livros. Eu tentei dar a eles o que eu tinha de melhor: uma espécie de segunda visão sobre a realidade, o poder mágico de enxergar nas entrelinhas, o prazer de estar sozinho e acompanhado ao mesmo tempo, eu quis dar a eles Literatura.

No começo as histórias vieram dos livros ilustrados, que como diz Graça Lima, são uma *espécie de ritual iniciatório* para os pequenos leitores, eles que, estimulam o olhar da criança, desenvolvem sua percepção e facilitam a comunicação do leitor com o mundo lá fora, ajudaram-me a estabelecer uma ponte com meus alunos.

As aulas seguiram, as leituras e os livros também ... pouco tempo, passamos da relação de professora e alunos. Nos tornamos parceiros e amigos. A leitura não era obrigação na nossa sala de aula, era esperada e aguardada como uma velha amiga. Passamos então a estágios novos ao longo do tempo. Afinal são três anos de convivência.

Houve um processo natural de confronto entre os livros lidos, as histórias ouvidas e discutidas ... Percebi então que meus alunos estavam crescendo não só na idade, mas também na visão de mundo. Percebi que eles viam e construíam sentidos nas obras que líamos juntos ... Isso foi mágico e ao mesmo tempo assustador, pois percebi que meu tempo com eles estava chegando ao final. Breve eles teriam que deixar a escola, e a minha vida ... Foi assim que esbarrei por acaso (ou não) com *O Diário de Anne Frank*, numa arrumação... E pensei: *Será?* Claro que um livro daquele tamanho não poderia ser lido em uma aula, ou de uma vez. Foi lido aos poucos, algumas páginas por dia, perguntas surgiram sobre sua vida pessoal e família e tantas coisas mais ... A história era tão comum a eles: Uma menina escrevendo num diário: *Vou começar a partir do momento que ganhei você, quando o vi na mesa, no meio dos meus outros presentes de aniversário...* Anne passou a dizer coisas diferentes, para adolescentes diferentes, e ao mesmo tempo coisas iguais a adolescentes iguais a ela, com sonhos e projetos de vida ... Eles foram apanhados por Anne. Passaram a viver com ela naquele sótão.

Eles sentiram a angústia de Anne, no lugar que era ao mesmo tempo sua prisão e seu refúgio. Muitos dos meus alunos não acreditaram que uma menina de 13 anos pudesse ter escrito daquela forma tão intensa. Para dizer a verdade, foi a mesma reação que eu tive, quando li o livro há alguns anos. Indiscutível qualidade literária, de uma adolescente se transformando em mulher num período tão crítico da sociedade ao seu redor. O diálogo da turma

com a obra foi impressionante! ELA poderia ser eles, ELA foi eles, e mexeu pessoalmente com cada um deles de maneiras diferentes e particulares, ao longo das leituras que fazíamos.

O mundo perdeu pessoas maravilhosas com o Holocausto, pessoas que como Anne não puderam dizer para o mundo quem elas eram ... Mas Anne contou ...

A história de Anne não terminou com o ponto final do livro. Eu espero que a minha história com eles, também não ...

Relato Real

MAR DE POESIA

Autora: Simone de Queiroz Pinho

Rio de Janeiro – RJ

Em meados de abril do ano de 2013, apresentei às turmas de 6º ano da escola em que trabalho, uma animação chamada *A Unha do dedão do pé do fim do mundo* construída com poemas de Manoel de Barros, um desconhecido, até então, para os alunos. Mal sabia eu que nascia aí um mar de poemas que invadiria toda a escola. A exploração tímida da animação foi tomando proporções de discussão, envolvendo até professores em outras aulas. Diante desse cenário, foi lançada a proposta de, antes de iniciarmos nossa roda semanal de leitura de mitos, lêssemos em grupo um ou dois poemas trazidos por mim ou por eles.

Compromisso firmado entre turma e professora, tínhamos, portanto, às sextas-feiras, um encontro não só com a leitura de narrativas mitológicas, mas também com a poesia.

Após Manoel de Barros compartilhamos Eucanaã Ferraz: *O Bicho de sete cabeças e outros animais fantásticos* numa tentativa de aproveitar a roda dos mitos que estava em andamento.

Por alguns meses ainda coube a mim, a professora, a seleção dos poemas e, nesse ínterim, autores como: José Paulo Paes, *Lé com cré*, Yone Rodrigues, *Namorados*, Paulo Leminski, *O ex estranho*, Carlos Queiroz Telles, *Sementes de sol*, Mario Quintana, *Eu passarinho*, Ana Cristina Cesar, *Poesia marginal* foram levados até os alunos.

A conversa puxada pela leitura compartilhada dos poemas crescia e a mudez habitual causada em parte pela timidez e em outra, pela carência do próprio hábito de leitura de poemas, foi cedendo espaço a uma grande discussão que não mais se restringia ao ambiente da sala de aula, invadia corredores, contaminava outras turmas e professores.

No mês seguinte, já quase não era possível à professora ofertar poetas ou poemas, pois os alunos haviam sido *picados* pela poesia e sem qualquer solicitação por parte dos docentes, já selecionavam por conta própria não só os poemas, mas também autores, tornando a leitura antes tímida agora forte, unificada.

A apresentação de poemas tornou-se tão necessária que não mais esperavam a hora das aulas, abordavam os professores na entrada da escola, corredores, na mídia digital (Facebook), no intuito de garantirem que o livro correspondente ao poema por eles escolhido estivesse à disposição da turma logo no início das aulas e não emprestado com alguém.

Cabe aí uma explicação: o poema poderia vir de casa numa folha de caderno, porém a apresentação em público, em turma, exigia o livro que o continha para que todos compartilhassem a leitura. Garantindo assim que a fonte bibliográfica ficasse acessível aos demais alunos.

A discussão antes iniciada e mantida pelos professores envolvidos cedia espaço a outros mediadores, agora eram os próprios alunos que se incumbiam da tarefa dando suas impressões, opiniões sobre o que estava sendo lido, ouvido, sentido.

A título de registro, cito alguns momentos significativos do projeto de leitura compartilhada denominado *Mar de Poesia*. Um está associado ao dia em que um aluno desprestigiado pela turma e até mesmo desacreditado por alguns professores por apresentar baixo desempenho ou desinteresse nas atividades propostas, após pesquisa individual realizada *a partir de si mesmo*, de desejo próprio, selecionou, apresentou e participou ativamente da discussão sobre o poema *O Bicho* de Manuel Bandeira. Outro momento de destaque foi a exigência feita por um grupo de alunos de que a poesia fizesse parte de todos os eventos da escola, inclusive da festa junina.

Aproveitando as manifestações sociais ocorridas no mês de junho e já sentindo a necessidade de aliar a poesia, a literatura à suas próprias vidas, à realidade vivida, sentida, ou melhor, sofrida por eles, autores como Bertold Brecht com *Poemas 1913-1956*, Ricardo Azevedo com *Bala perdida* e Rildo Pereira da Silva em *Tropicais* saíram das rodas de leitura, ganharam força nas apresentações criadas, ensaiadas e reproduzidas pelos alunos não só do sexto ano, mas também do sétimo e oitavo.

Os textos de poetas conhecidos como Vinícius de Moraes e dos nossos desconhecidos alunos *escapam*, ainda hoje, das paredes da sala de aula e se espalham pela escola. E, quando digo espalhados é porque os murais e corredores são pequenos havendo necessidade de ocupar espaços como portas, armários, tetos e ambientes distintos da tão desgastada sala de aula, como refeitório, pátio e até mesmo os banheiros.

Seja na escola, nas páginas da mídia social, *interrompendo* uma aula de qualquer disciplina, pelos corredores ou ao pé do ouvido de um professor, ainda hoje é possível identificar aquela semente lançada lá trás, no início de 2013, numa roda de leitura compartilhada que acabou, ou melhor, que começou a inundar nossa *vidinha* escolar.